

## **TRILHANDO EM TEMPOS DE PANDEMIA: experiência de estágio no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro/SC**

Ana Flávia Pereira<sup>1</sup>  
Camila Benatti Policastro<sup>2</sup>  
Mário André Corrêa de Faria<sup>3</sup>  
Ana Paula Nunes Chaves<sup>4</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem por finalidade relatar os problemas e soluções enfrentados no semestre cursado da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, do curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em meio a pandemia da COVID-19. As restrições às atividades presenciais desse momento histórico impuseram repensar as práticas, criar novas expectativas e planejar ações de educação ambiental propostas ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro/SC, uma Unidade de Conservação. Também apresentamos neste artigo os materiais didáticos frutos deste estágio, executados de maneira inteiramente remota: a Trilha Virtual da Restinga do Maciambu e a sequência didática formulada para professores do 7º ano do Ensino Fundamental, ambas ancoradas nas propostas curriculares de documentos oficiais de educação.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Educação remota; Material didático.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: anaflaviapr4@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: camilabpolicastro@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: marioacfaria@gmail.com

<sup>4</sup> Docente do Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Contato: ana.chaves@udesc.br

*No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Carlos Drummond de Andrade*

### **Antes de março de 2020**

Início do ano, mais um semestre acadêmico se iniciava, porém, sem saber que este seria completamente diferente dos anteriores. Imaginávamos que nossas rotinas acadêmicas seriam mantidas como de costume, seguindo o calendário acadêmico e semanas repletas de compromissos na universidade. As agendas se preencheriam com horários de aulas, grupos de estudos, palestras, eventos, muita ansiedade pelas novas disciplinas e temas de estudo. Em especial, estávamos animados por iniciar a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, no curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Esta disciplina é obrigatória para os estudantes que cursam a licenciatura e causa grande expectativa para os discentes que sonham se tornar professores. O Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III, diferencia-se no espaço de atuação do estagiário, pois entram em cena ambientes não formais de educação ou outros espaços de educação formal, como os anos iniciais do Ensino Fundamental ou a Educação de Jovens e Adultos, especificidades de atuação docente que os estagiários não atuaram nos semestres anteriores. Dentre as escolhas possíveis de atuação estavam um cursinho pré-vestibular, uma escola pública com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST).

Após a escolha de atuação no PAEST, imaginávamos criar oficinas, trabalhar com educação ambiental em trilhas do Parque, mapear caminhos, fotografar paisagens, andar por entre as belas fauna e flora desta importante Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral do Estado de Santa Catarina e, sobretudo, estar com estudantes e visitantes do Parque. Desejos de geógrafos de colocar os pés no ambiente de estudo se mesclavam com a vontade docente que nos afluía na licenciatura.

Como já sabido, todas as expectativas geradas para o ano de 2020 encontraram abruptamente a emergência da pandemia da COVID-19 e das medidas de distanciamento e segurança sanitária impostas logo no primeiro mês letivo. Confinados em nossas casas, em um primeiro momento, lidamos com a frustração. Em seguida, lidamos com a paciência e aguardamos a autorização de retomada das atividades

acadêmicas de ensino, mesmo que de forma remota. Por fim, nos últimos dias de junho, quando finalmente retomamos os estudos e a disciplina de estágio atrás das telas de celulares e computadores, aprendemos a nos adaptar ao novo formato de educação remota, a transformar nossas expectativas, reformulá-las e planejar o semestre e as ações de estágio.

E é disso que este texto trata: um relato de experiência deste período atípico, experiência derivada da educação remota, seja como estudantes do próprio estágio ou como propositores de educação ambiental no PAEST. Exploramos no texto as atividades desenvolvidas no semestre, as resistências e dificuldades, bem como o despertar de um potencial educativo por nós até então inutilizado. Além disso, apresentamos os materiais didáticos planejados e elaborados no estágio, ou seja, esperamos presentear o leitor com a Trilha da Restinga do Maciambu trilhada no ciberespaço, bem como a sequência didática elaborada para professores que se soma à trilha virtual.

Primeiramente, para apresentar todo este caminho pedregoso, exporemos o ambiente deste estágio, conversando com autores que debatem a importância das UC, da geodiversidade do território do PAEST e, ainda, a necessidade do sentimento de pertencimento da população com o local, com a educação ambiental como estratégia de aproximação e despertar para o cuidado com este espaço. Em seguida, descrevemos o planejamento das ações e as atividades realizadas durante o estágio. Por fim, apresentamos os materiais didáticos e as dificuldades e soluções encontradas nesse caminhar virtual.

### **Os (des)caminhos do estágio: UC, PAEST, temas e conceitos**

O estágio em ambiente não formal de educação ocorreu em uma das mais importantes Unidade de Conservação (UC) do estado de Santa Catarina. Por definição da Lei nº 9.985/2000, uma UC é um

[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (BRASIL, 2000)

As UC, além de garantirem a conservação de determinado espaço, possuem duas formas de manejo que são classificadas em Unidades de Uso Sustentável e Unidades de

Proteção Integral. As Unidades de Uso Sustentável têm o objetivo de conciliar a conservação da natureza e o uso dos seus recursos naturais de um modo sustentável. Já as Unidades de Proteção Integral têm o objetivo de preservar a natureza, permitindo o seu uso conforme a Lei nº 9.985, citada anteriormente.

O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST) é a maior UC Integral do estado e foi criado em 1975 (BRASIL, 1975). A institucionalização da área enquanto parque contou com o auxílio dos estudos botânicos do padre Raulino Reitz (PIMENTA, 2016). O Parque representa cerca de 1% do território catarinense, estendendo-se por 9 municípios e os arquipélagos de Moleques do Sul e das Três Irmãs. De acordo com Pimenta (2016), a transformação do PAEST em uma UC justifica-se pela importante riqueza natural que representa, uma vez que em seu território temos a presença de mananciais de águas termais e diversas nascentes, aspectos e fenômenos geológicos e geomorfológicos da paisagem considerados monumentos naturais mundiais e uma abundante fauna e flora na Mata Atlântica do sul do país.

O Parque abriga em seus limites uma rica geodiversidade. José Brilha, em seu livro *Patrimônio Geológico e Geoconservação*, conceitua a geodiversidade como a “[...] variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra.” (BRILHA, 2005, p. 17). No PAEST, por exemplo, observamos registros de cordões arenosos, rochas com escritas rupestres, cachoeiras e nascentes que reforçam sua riqueza.

Para explorar essa realidade local nos estudos geográficos, explorando a importância deste espaço, acreditamos que o lugar precisa ser (re)conhecido. Segundo CALLAI (2003), a realidade precisa ser conhecida através do lugar, para que os indivíduos que ali circulam possam produzir e se reconhecer como pertencente à ele, para que possa desenvolver suas atividades. Sentir-se pertencente à um lugar significa fazer parte do mesmo, da sua história, criando elementos protetivos e valorativos.

Aí reside um desafio: Como aproximar, despertar o amor ao lugar, o sentimento de pertencimento sem poder acessar este lugar fisicamente? Como ler a paisagem do Parque através do espaço virtual? Como conhecer o que está neste lugar de maneira remota? De que maneira compreender suas paisagens? Como materializar e socializar as

vivências? Antes, responderíamos à essas questões no meio físico; agora, trilhamos e buscamos respondê-las no ambiente virtual.

A proposta da trilha virtual para a educação ambiental é importante nesse momento histórico. Marcos Reigota (2014, p. 14) argumenta que “a educação ambiental como educação política enfatiza antes a questão “por que” fazer do que “como” fazer”. E por que a proposta de uma trilha virtual para a Educação Ambiental do Parque? Em tempos de pandemia, em que nada parecia possível em virtude das restrições sanitárias impostas ao ensino, realizar uma ação de educação ambiental no espaço virtual, no ciberespaço, é algo que nos afeta, pois estamos habituados a desenvolver grande parte de nossos trabalhos de campo e de pesquisa em contato com o meio físico.

Para refletir sobre esses desafios, consideramos significativo que propostas de educação ambiental em lugares de interesse ecológicos ressaltem a importância dos motivos pelos quais os ambientes foram e precisam ser preservados e, ainda, destaquem o seu valor histórico, estético e ecológico para as sociedades anteriores e as contemporâneas (REIGOTA, 2014). Explorar o espaço virtual como campo de estudo, além de textos, documentos e pesquisas científicas para o conhecimento dos pontos geográficos levantados, a nossa trilha virtual aproxima o visitante do local e o conduz a perceber e ler as paisagens do Parque, mesmo que sejam através das telas dos eletrônicos e servem, posteriormente, para um maior conhecimento e aprofundamento sobre o lugar.

### **O passo a passo do estágio: organizando as pedras do caminho**

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III possui 288 horas de carga horária, contabilizando 08 créditos (UDESC, 2020). A ementa, conforme a matriz curricular do curso, preocupa-se com a formação do educador/pesquisador em Geografia em campo, com o desenvolvimento de projetos e/ou oficinas de aprendizagem em ambientes formais e não formais de educação.

Diante da situação atual desencadeada pela pandemia, a carga horária do estágio se manteve, porém, com algumas diferenças. O calendário acadêmico iniciado no dia 10 de fevereiro foi suspenso por conta das exigências de distanciamento da COVID-19, impostas em nossa universidade no dia 16 de março, retornando somente dia 23 de junho. As aulas, que antes eram em sala de aula e em campo, preenchendo toda a tarde,

com a pandemia, foram reduzidas à encontros remotos síncronos via plataforma *Microsoft Teams* e aulas assíncronas, nas quais realizamos tarefas programadas.

Em meio a todas as transformações no calendário acadêmico, nos organizamos em grupos de atuação, compostos por duplas ou trios, cada grupo atuando em uma frente distinta de ação propositiva ao Parque. Dentre as atividades avaliativas da disciplina constaram: fichamentos de textos, participação em fóruns de discussão, desenvolvimento de materiais didáticos virtuais para o PAEST, participação no seminário de apresentação das atividades de estágio e, por fim, este relato como forma de documentação da experiência com o novo modo de fazer estágio.

Em um curto período de tempo, tivemos que escolher quais textos fichar e qual plataforma utilizaríamos para realizar o material didático que seria desenvolvido em nosso estágio. Para isso, criamos um cronograma de tarefas, com as datas de entrega de cada uma das atividades. Acreditamos que foi importante seguir esse cronograma para nos organizarmos em um ano tão comprometido pelas inconstâncias e anormalidades da situação na qual vivemos.

Além disso, vale mencionar que parte das tarefas estipuladas no cronograma demandou reuniões de orientação com a professora da disciplina de estágio e com o supervisor de estágios no PAEST. Numa destas reuniões com a equipe de educadores ambientais do PAEST, realizadas por vezes na plataforma *Google Meet* ou por contato via *Whatsapp*, ouvimos a demanda por materiais com finalidade de veicular informação e educação nas redes virtuais do Parque. Então, somada à vontade de elaborar algum material educativo, optamos por criar uma trilha virtual acompanhada de sequência didática, com o objetivo de apresentar temas da paisagem do Parque.

Para tal, investigamos quais trilhas já existem no PAEST e conhecemos a dissertação de mestrado de Shigueko Terezinha Ishiy Fukahori (2004), a qual aborda a Trilha da Restinga do Maciambu. Por fim, adaptamos parte desse estudo para o ambiente virtual elaborado.

### **As pedras são os frutos dos caminhos**

Planejamos como atividade do estágio criar dois materiais para o Parque: uma trilha virtual e uma sequência didática. Estes materiais foram pensados para serem

usados em projetos de educação ambiental e em estratégias de divulgação do Parque, nas formações para a equipe, como material didático destinado às escolas, entre outros.

Primeiramente, abordaremos a trilha virtual<sup>5</sup> sobre a Trilha da Restinga do Maciambu. A ideia de criar uma trilha virtual partiu da nossa própria frustração com as limitações de acesso ao Parque (que se encontrava fechado durante a pandemia) e nosso gosto por explorar espaços ao ar livre.

Tendo essa motivação em mente, investigamos as possibilidades de plataformas e de formatos para trilhas realizadas remotamente. Não foi uma tarefa fácil por diversos motivos: nossa falta de habilidade com a tecnologia, a inexperiência com design gráfico e a falta de orientação quanto a estética de um produto visual.

Para resolver o primeiro problema enfrentado, escolhemos a plataforma *Prezi* de edição de lâminas (*slides*). Constatamos uma ampla variedade de funções que poderiam ser úteis em nosso produto, mesmo utilizando a versão sem custos: inserir fotos, vídeos, áudios, *Portable Document Format* (PDF), efeitos, além de uma série de símbolos e ilustrações já disponíveis na própria plataforma.

Quanto ao segundo desafio, nos deparamos com a importância da organização visual do material. Tivemos de procurar instruções de colegas que atuam nas artes visuais, design gráfico e dos supervisores e orientadores de estágio. Fizemos o recorte de tudo aquilo que pretendíamos escrever e elegemos informações imprescindíveis. Também foi preciso fazer a eleição de uma quantidade máxima de pontos na trilha virtual (lâminas de *slide*), para que a trilha não ficasse cansativa e não desmotivasse o visitante. Outros pontos de destaque foram a criação de uma narrativa com fluidez no texto, no intuito de conectar os pontos da trilha sem trocas abruptas de assunto, e a interação com o visitante através de perguntas, jogos, reflexões ou direcionando o olhar para alguma fotografia.

Dessa forma, além de trabalhar com a limitação em conhecimentos de design gráfico, durante as edições operamos com o terceiro desafio, o de traduzir para uma linguagem acessível os termos técnicos e explicações complexas da área de geografia para que um visitante leigo pudesse desfrutar a trilha virtual (Figura 1).

---

<sup>5</sup> A trilha virtual está disponível em: [https://prezi.com/9qspjq28lzk5/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](https://prezi.com/9qspjq28lzk5/?utm_campaign=share&utm_medium=copy) acesso em 18 de setembro de 2020.

**Figura 1:** Primeira imagem da Trilha Virtual da Restinga do Maciambu



Fonte: Captura de tela, arquivo dos autores. 2020.

A partir desta tela inicial, contabilizamos cerca de 25 quadros, contendo informações acerca do Parque e convites para reflexões sobre alguns temas geográficos. Abordamos as Unidades de Relevo presentes no Parque, a fauna e flora da área de restinga, as comunidades tradicionais que vivem no Parque e as queimadas.

Para conseguir abordar todos estes temas, das lâminas 2 à 6, apresentamos a paisagem de Santa Catarina, as Unidades de Relevo existentes no Parque e a importância de conservá-las. Em seguida, após situar o visitante da trilha, apresentamos a área de restinga, próxima ao Centro de Visitantes do PAEST e por onde é possível acessar a Trilha da Restinga do Maciambu. Do lâmina 7 até a 9, apresentamos informações sobre a trilha, tal como a localização, extensão, tempo de duração e, ainda, criamos o educador ambiental, personagem que traz informações e problematizações durante o percurso virtual.

O educador, por meio de balões de fala, apresenta da lâmina 10 a 19 temas como os diversos estágios sucessionais da vegetação na restinga, os ambientes secos e alagados, a vegetação nativa e as espécies da fauna, o problema dos incêndios florestais e as comunidades presentes no entorno do Parque. Entre as lâminas 20 e 25, finalizamos a trilha e convidamos o visitante a se engajar e aprofundar seus estudos sobre os temas trazidos no trajeto. Além disso, deixamos como sugestão à professores do 7º ano um arquivo com a proposta de sequência didática.

Para a elaboração da sequência didática fizemos uso das diretrizes do Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense (2019), documento proposto pela Secretaria Estadual de Educação e “que norteia e fundamenta as práticas pedagógicas dos professores e garante a qualidade do sistema de ensino”

(SANTA CATARINA, 2019, p.8). Compreendemos por sequência didática “um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais” (ARAÚJO, 2013, p. 323). A sequência didática nos mostra um caminho a ser percorrido, contém as informações necessárias para realizar uma sucessão de aulas, como o tempo das aulas, os temas e conteúdos, materiais necessários, referências bibliográficas, atividades e avaliação.

Em seguida, pesquisamos no Currículo Base (2019) as habilidades e conteúdos que contemplariam a temática das UC e do PAEST. Dentro das possibilidades, decidimos trabalhar com o 7º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental. O Currículo Base (2019) orienta a trabalhar as paisagens e biomas brasileiros, sua biodiversidade em nível local e nacional, os domínios morfoclimáticos e as Unidades de Conservação aliados à preservação ambiental em escala municipal, estadual e nacional.

Buscamos garantir a articulação entre os temas escolares e alguns objetivos específicos de nossa sequência, tais como: 1) elucidar a definição de Domínios Morfoclimáticos e UC; 2) compreender e refletir sobre a importância de uma UC; 3) identificar as UC presentes em Santa Catarina; 4) compreender a dimensão espacial através de mapas e imagens dos parques nas regiões brasileiras, com ênfase no estado de Santa Catarina; 5) conhecer as características físicas e sociais do PAEST; e 6) reconhecer a importância da conservação da fauna, flora, solo e mananciais do PAEST.

Almeja-se que esses objetivos possam ser alcançados em três aulas. A primeira aula é destinada a apresentar aos estudantes o conceito e os tipos de domínios morfoclimáticos, com base nos estudos do geógrafo brasileiro Aziz Ab'saber, bem como sua espacialização no território brasileiro. A segunda aula se propõe a diferenciar as características climáticas e morfológicas de cada região brasileira. Ressaltamos que os professores precisam e podem questionar os estudantes acerca dos temas por meio de perguntas disparadoras. Essas perguntas visam dar um direcionamento à aula e promover um diálogo contínuo entre estudantes e professores. Como atividade destas aulas, propomos a pesquisa sobre os principais impactos socioambientais que ocorrem nos domínios morfoclimáticos no Brasil e a discussão de formas de mitigação desses impactos socioambientais.

Na terceira e última aula temos como proposta apresentar as UC e como elas estão incorporadas aos parques, relacionando as UC aos domínios morfoclimáticos

apresentados nas aulas anteriores, ressaltando a importância da conservação da vegetação, fauna, flora e as singularidades de cada região. Sugerimos aos professores apresentarem o PAEST e, como ferramenta de auxílio, realizarem com seus alunos a Trilha Virtual da Restinga do Maciambu. Propomos também uma atividade de escrita intitulada “Narrativas Geográficas” que objetiva evidenciar o PAEST e seu contexto socioambiental em um texto narrativo.

A sugestão dessa sequência didática é apenas um exemplo de como podemos trabalhar conteúdos geográficos com o apoio de uma Trilha Virtual e a mesma pode ser alterada, se necessário, para que esteja adequada ao tempo de aula e contexto de cada instituição escolar. A proposta de projeto elaborada para o estágio - a Trilha Virtual e a sequência didática, além de colocar o PAEST em evidência, também faz uso dos conteúdos norteadores do Currículo Base (2019), com aprofundamento teórico e atividades avaliativas, demonstrando possibilidades de incorporação ao ambiente escolar.

### **Nunca esqueceremos que no meio do caminho tinha uma pedra**

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III precisou de adaptações e soluções no espaço virtual para sua continuidade, devido ao distanciamento social necessário em virtude da pandemia da COVID-19. O caminho pedregoso, de incertezas, instabilidades e novidades demandou organização e aprendizado de como estagiar remotamente, aprender e propor materiais educativos para o espaço que atuamos, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (PAEST). Ao longo deste caminho pedregoso, surgiram diversas dúvidas a respeito da possibilidade e da viabilidade de realização de um estágio em ambiente virtual, algo nunca pensado por nós. Era o medo do desconhecido e, de certa forma, da aversão às práticas pedagógicas em ambiente exclusivamente virtual, algo bastante discutido em nossa trajetória acadêmica.

Apesar das dificuldades e limitações ao ambiente virtual, acreditamos que este estágio atípico nos fez compreender a realidade docente de forma mais ampla, tanto na educação formal quanto nas possíveis práticas realizadas em espaços não formais de educação. A prática docente parece muitas vezes resistir a novas tendências e a utilização de novas tecnologias no ensino, no entanto, nossa experiência de estágio

apontou como as práticas podem ser repensadas para além de um posicionamento contrário ou a favor, mas para um reconhecimento das possibilidades educativas no ciberespaço, de um espaço que também consideramos político.

Como soluções para as atividades avaliativas da disciplina, propomos dois produtos educativos no espaço virtual para o PAEST. O primeiro, a trilha virtual com a finalidade de apresentar diferentes temas sobre a geodiversidade do Parque. Essa trilha pode ser trilhada em plataforma *online* pelos habituais visitantes do Parque, escolas, turistas, enfim, a população em geral. Com isso, esperamos que a educação ambiental encontre meios de se fazer presente no ciberespaço, conferindo-o como um outro campo de atuação política, tal qual compreendemos a educação ambiental.

O segundo material criado, foi a sequência didática de aprofundamento nos temas apresentados ao longo da trilha virtual. Esta sequência convergiu temas importantes do conhecimento geográfico ao PAEST, articulada com as demandas curriculares de documentos oficiais. As aulas propostas foram pensadas para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, a fim de que as atividades adentrem o ambiente escolar e sirvam de sugestão de roteiro para que os professores modifiquem, estudem e explorem o PAEST com seus alunos.

Por fim, este texto relatou as dificuldades, as potencialidades do ensino remoto durante o Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III e nossas experiências com o ambiente virtual e com a educação ambiental no PAEST. Assim como mencionado por Chaves (2020) em sua experiência com estágios no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, constatamos que projetos de estágios desenvolvidos em parques abrem novas possibilidades de conhecimento para a comunidade local e criam novas perspectivas de intercâmbio acadêmico entre a Universidade e o Parque.

## Referências

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.

BRASIL. **Decreto Nº 1.260, de 01 de Novembro de 1975**. Cria o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Brasil, 1975.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 2000.

BRASIL. **Lei Nº 14.661, de 14 de março de 2009.** Reavalia e define os atuais limites do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, criado pelo Decreto nº 1.260, de 1º de novembro de 1975, e retificado pelo Decreto nº 17.720, de 25 de agosto de 1982, institui o Mosaico de Unidades de Conservação da Serra do Tabuleiro e Terras de Massiambú, cria o Fundo Especial de Regularização, Implementação e Manutenção do Mosaico - FEUC, e adota outras providências. Brasil, 2009.

BRILHA, J. **Património Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica.** Braga: Palimage, 2005.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **9 Encontro de Geógrafos de America Latina**, 2003, Mérida, Yucatán. Reflexiones e Responsabilidades de la geografía en America Latina para el siglo XXI. Merida: Impreitei s.a., 2003.

CHAVES, Ana Paula Nunes. O Estágio Supervisionado de Geografia em Unidades de Conservação: experiências no Parque Municipal da Lagoa do Peri – Florianópolis/SC. **Geografia** (Londrina) v. 29. n. 1. pp. 285 – 297, janeiro/2020.

FUKAHORI, S. T. I. **Trilha da Restinga do Maciambu: concepção, implantação, interpretação ambiental e avaliação como contribuição ao processo de educação ambiental no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.** 2004. 135 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/87411>. Acesso em: 22 out. 2020.

PIMENTA, Luiz Henrique Fragoas. **Estudo da geodiversidade e do geopatrimônio da Mata Atlântica do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e do mosaico das Terras do Massiambu com base em Sistema de Informação Geográfica (SIG).** 2016. 333 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194095>. Acesso em: 22 out. 2020.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense** / Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação – Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC). **Plano de Ensino: Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III.** Centro de Ciências Humanas e Educação, Florianópolis/SC, 2020.